

mosteiro. Os frades acudiram, e a casa não teria sido grande. Houve logo urgência de um segundo convento. Em um valezinho, no sopé do monte de S. Gens, que chamaram Vale de Lázaro, em homenagem ao anacoreta que deu origem à ordem, edificaram outra casa, em 321, com a invocação de Santo Antão. Foi reedificada em 1372, e serviu de casa de noviciado da Ordem. D. João IV mandou-a destruir e fez outra, a actual<sup>1</sup>, no mesmo sítio da antiga conhecido já pelo nome de Val de Infante; passou a servir de hospício<sup>2</sup>. O edificio está em parte arruinado, e em parte aproveitado em moradia e *villa fructuária*, o que corresponde ao *monte*. A capela era adornada de frescos como a do convento da Serra; sem teto, que era de abóbada de berço, a água da chuva e o sol dão cabo do que resta, onde se divisam ainda figuras com legendas, hirtas, angulosas, que formavam o retábulo do altar-mor; serve de curral. É outro lugar a examinar ou a contar na área dessa escola sertaneja de pintura rude e anaerónica.

Abaixo, meio caminho para Extremoz, fica a velha povoação do Canal, em terras da Casa de Bragança. Foi concelho, e tem erguido o seu emblema no *pelourinho* de granito, da região do Redondo; é rude, um simples monólito cilíndrico a segurar uma esfera de diâmetro igual, que constitui estudo à parte.

Junho de 1916.

LUÍS CHAVES.

## Pinturas parietais em capelas mediélicas

### (Estudo do Alto-Minho, XXII)

#### I.—A capela de D. João Domingues, nos Arcos de Valdevez

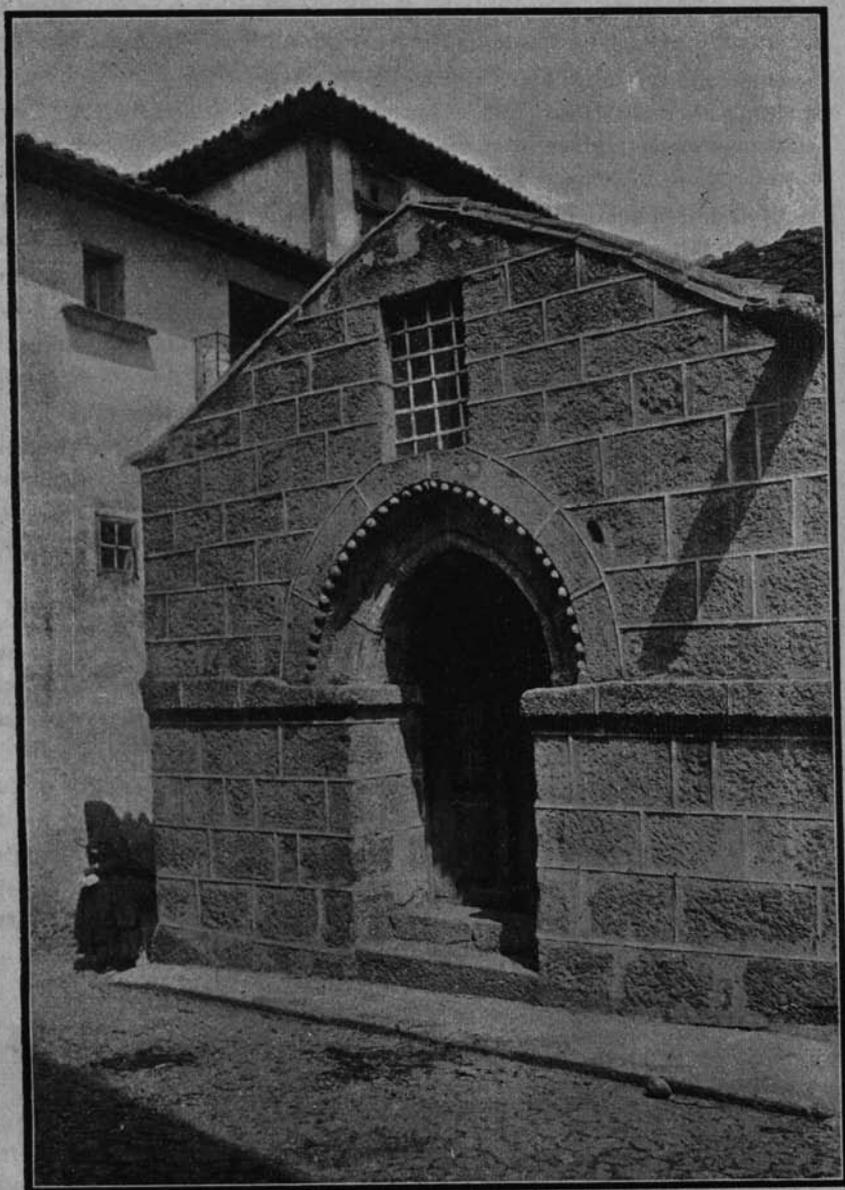
1. A sua architectura.—2. As campas.—3. Os frescos.—4. A antiguidade da construção.—5. A instituição da capela.—6. A dinastia dos administradores.—7. O primitivo lugar dos Arquos.

#### 1

A vila dos Arcos de Valdevez é uma povoação cujos edificios não vão além do séc. XVII; nesta centúria, as chamas vingativas de um incêndio, lançado pela soldadesca do general espanhol D. Baltasar Pantoja em um dia fatal de Agosto de 1662, lamberam e destruíram

<sup>1</sup> P.<sup>o</sup> Luís Cardoso, *Diccionario Geographico*, in *loc. cit.*

<sup>2</sup> *Id., id.*



Capela de D. João Domingues — Arcos de Valdevez

as suas rudimentares construções. Anterior às ruínas, que então se amontoaram, apenas uma ermida de possante silharia se conservava de pé e existe ainda no meio da vila de hoje, abrindo para o poente o seu profundo pórtico ogival (vid. a estampa).

Na rude catadura dessa entrada, à qual uma arquivolta de contas, como um diadema de pérolas de granito, mal lhe arranca um sorriso de ornamentação, reside todo o interêsse externo da antiga capela de D. João Domingues, opulento abade de uma freguesia que é representante directa de um extinto mosteiro beneditino, fundado nas bre-nhas de Valdevez pelos princípios do séc. xiv. Capela da Praça é ainda o seu apelido, quando já não existe no seu local praça alguma, mas apenas estreitas ruas que lhe prejudicam a perspectiva.

Sôbre êsse portal severo, a mania incorrigível da modernização rasgou a úlcera de uma janela rectangular, a pretexto da mais estúpida das conveniências em uma construção medieval religiosa, a da maior claridade interior. A capela está há muito profanada; era o seu orago Nossa Senhora da Conceição<sup>1</sup>.

## 2

No verão de 1901, constando-me que a antiga capela ia ser soa-lhada, visitei-a no intuito de ler os epitáfios das campas, que occupa-vam o pavimento. São seis as pedras tumulares que encontrei e em que estão gravados letreiros, dois dêles realçados de brasões.

Mas por virtude da corrosão ou desgaste do granito e de sedi-mentos antigos, da sua leitura resultam deficiências. No canto superior do corpo da ermida e do lado da epístola, encosta-se um moimento de pedra anepígrafo, que suponho ser o sarcófago em que repousam os ossos do fundador e instituidor da capela, D. João Domingues, abade de Sabadim.

As campas brasonadas são as seguintes: figs. 1 e 2.

---

<sup>1</sup> Segundo informação do meu bom amigo, P.<sup>o</sup> José Pereira Rodrigues da Silva, a suspensão do culto neste pequeno templo deu-se por ocasião de uma visita pastoral, que, tendo notado a carência de paramentos, prohibiu ali a ce-lebração da missa. Esta situação já subsistia pelo menos na primeira ou segunda década do séc. xix. Contudo os enterramentos de infantes continuaram a fazer-se dentro da capela, todas as vezes que não havia sepulturas na matriz de S. Salvador. Ainda se conserva, guardada em um armário, a imagem da padroeira e consta-me ser ela uma defeituosa escultura de madeira.

As outras inscrições, só mais incompletas ainda, aqui as posso dar, em consequência da sua deterioração.

A.....  
S<sup>D</sup>.....  
CASAO..  
.....

3

.....  
CASOA..  
DONA V.<sup>A</sup>  
E SEVS  
E.....

4

S.....DN  
ADANE..  
ABR....  
DOA.....  
ER

5

S · DERO<sup>o</sup>  
D BRITO  
BRAMDAO

6

3.—A(*qui jaz?*)..... SDE..... CAS(s)ÃO.....

4.—..... CAS(s)OA DONA V(*iuva*) E SEUS E(*rdeiros*).....

5.—S(*epultura*)..... DNADANE(?)..... ABR(*eu*)...DOA.....  
ER(*deiros?*)

6.—S(*epultura*) DE RO(*drig*)O DE BRITO BRAMDÃO.....



Fig. 1

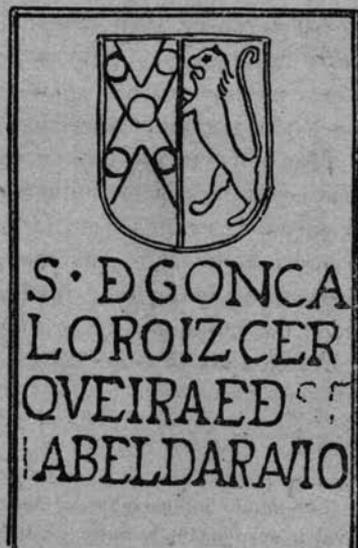


Fig. 2

3

Antes dê mais, devo completar a enumeração dos restos do passado existentes na capela de D. João Domingues. Nas paredes internas do edificio aderem ainda, por pedaços, camadas de estuque

antigo; num ponto e em uma das mais profundas crostas vê-se a cabeça de um bispo, desenhada *a fresco*, com traços negros e vermelhos e reveladora de muita antiguidade. Mais tarde outras pinturas idênticas se descobriram, que ocupavam também as paredes internas da ermida, tanto de um lado como de outro, não faltando legendas com caracteres de alemão minúsculo, o que as data do séc. XV-XVI (J. P. Ribeiro).

À data em que escrevo, ignoro o estado em que se encontra o interior da velha ermida; sei apenas que, depois de ter sido armazém, é estação do Corpo de Bombeiros.

#### 4

Como o exame dos documentos relativos a êste pequeno, mas interessante monumento mediévico, nos subministra base bastante concreta para definir a sua antiguidade, torna-se inútil qualquer dissertação de natureza arqueológica neste sentido.

A capela de D. João Domingues data do período de transição do XIV para o XV séc.; a *manda* ou testamento dêste dom abade de Sabadim tem a data de 5 de Janeiro de 1410 (D. João I), e nesse documento dispõe o instituidor que o seu corpo seja enterrado na *sua capela dos Arcos* (de val) *de vez*, que aí construíra e *no moimento*, que lá estava<sup>1</sup>.

Foi esta cláusula que me fez presumir que o túmulo monolítico, a que acima me referi, fôsse o *moimento* do instituidor.

Isto é o essencial para o problema arqueológico, que seria o de datar a construção; ela é assim alguns anos anterior a 1410<sup>2</sup>, talvez fins do séc. XIV.

---

<sup>1</sup> O lugar dos *Arcos* junto ao rio *de Vez* só foi feito vila por carta de 4 de Julho de 1518 (D. Manuel), continuando a pertencer à freguesia de Guilhafonxe. As notícias do texto foram por mim extractadas de um manuscrito existente no cartório da igreja de Sabadim. Aí se continha um traslado do Tombo da capela, o qual vinha a ser a descrição ou registo dos bens desta instituição. O seu original, ou talvez cópia, também fazia parte de um processo que correu sob a alçada do desembargador Tomé Pinheiro da Veiga, cuja sentença traz a data de 22 de Agosto de 1625. Era administrador da capela Francisco de Sousa. A provisão real respectiva é datada de 4 de Outubro de 1619.

Ao Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Abade de Sabadim, António Baptista da Costa Rebêlo, sou devedor da permissão, que facilmente obtive, para compulsar o referido manuscrito.

<sup>2</sup> O Sr. Dr. L. Figueiredo da Guerra que tem podido compulsar cartórios do Alto-Minho, precisa o ano de 1372 para a construção (D. Fernando). (*Distrito de Viana* de 1900, n.º 49).

Um documento desta espécie e desta época contém indicações de algum interêsse etnográfico, além do histórico local, e por isso vou occupar-me delas. A instituição da capela da Praça foi de três capelães a quem incumbia cantarem todos os dias três missas, uma pela alma dos reis e duas pela do instituidor, como lhes fôsse determinado por êle próprio, ou por João Lourenço Bubal, cavaleiro, aio do infante D. Dinis, ou por D. João do Mato, prior de S. Martinho do Crasto, com sessenta libras cada um para seu mantimento, dez para a cera, e um *ochavo*<sup>1</sup> de trigo para hóstias. À segurança destas *soldadas*, deixava D. João Domingues grande cópia de casais, herdades, uma *quintã*, devesas, soutos, *chousas*, vinhas e *bacelos*, quer no território de Valdevez, quer no de Ponte de Lima, permitindo aos testamenteiros que emprasassem as terras a leigos e lavradores, de boa fama, mas não a fidalgos, nem poderosos e nunca em mais de três vidas. Entre outros legados, a um criado *créguo* (clérigo?), filho de Lourenço Martins Créguo, deixava uma quinta no termo de *Morilhones* (Morilhões de hoje); a João Soares, seu criado também, duas varas de *valemsina*, e a Fångil três camisas de *valemcina* e a outro *senhas capas de valemsina*<sup>2</sup>.

A referida *manda* era excessivamente minuciosa no regime religioso da capela; e como certas prescrições dão idea dos costumes e preocupações dos nossos maiores, vou referir-me a elas. Já é por si digna de registo uma instituição puramente cultural, tam importante como esta, que mantinha adstritos a uma pequena ermida, aliás situada a considerável distância da matriz paroquial (Guilhafonxe), nada menos que três clérigos, com obrigação de missa diária cantada, e tam sólidamente estabelecida que perdurou desde o principio do séc. xv até o fim do xviii, pelo menos.

Mas dispunha ainda o citado testamento que, se os bens da capela renderem tanto que pudessem manter quatro capelães, assim se cumprisse, ficando o que fôsse justo para mantimento e vestido do administrador.

Não havendo porém para quatro capelães, nem para três, então apartar-se-ia a quinta parte do que a capela rendesse até a quantia de 20:000 riais, de que o administrador haveria de quinto 4:000 riais.

<sup>1</sup> Oitava parte. Viterbo regista só o feminino.

<sup>2</sup> *Valencina*—pano fino de lã que se fabricava no reino de Valença, em Espanha (Viterbo, *Elucidario*).

E daí para cima até a quantia de 100:000, haveria por cada 10:000 riais, mil. «Em maneira que de cem mil haverá doze mil riais e o mais que ficar se despenderá em missas e no que o dito compromisso declara», etc.

Estas curiosas disposições revelam a complicada economia desta antiga capela e o espírito acautelado do seu instituidor.

## 6

O Tombo trasladado nos autos supracitados foi feito e ajuramentado por um administrador da capela, *João Alvarez Cassam*, morador no lugar dos *Arquos*, onde estava situada a capela, perante Gonçalo Anes do Hospital (talvez freire de Malta), lavrando-se o respectivo auto a 18 de Junho de 1498 (D. Manuel) nos *Arquos de Vez*, que era no julgadô de Valdevez, por alvará de Diogo Borges, juiz dos resíduos, capelas, hospitais e gafarias, deferindo o juramento Álvaro Anes da Torre, juiz ordinário do mesmo julgadô, e servindo de testemunhas: Bastiam Gonçalves; Ruy, mouro de João Alvarez e Lopo Fernandez, filho de Fernam Rodrigues do Souto. Subscreve o auto o tabelião de el-rei no dito julgadô Fernam Anes.

João Álvares Cação era o primeiro sucessor de D. João Domingues, como administrador da capela *que fôra situada por Joham Dominguez, abbade de Sabadim*, conforme as expressões de um documento de 1502.

Êste mesmo Cação, que morava no próprio lugar dos Arcos<sup>1</sup>, nomeou o seu sucessor em testamento e diz o documento, donde extraio esta noticia, que êle o *fezera jazendo doente em cama para se finar*. O administrador nomeado era *Gonçaleannes Caçam*, seu filho maior, mas estava testado quê, se êste falecesse sem filho, a capela passaria a outro filho e de *huã en outro atee que viesse a quem ouesse f.º*

Dos autos infere-se que, depois de João Álvares (1498) e Gonçalo Eannes (1502), que morreu sem filhos, o sucessor foi Vicente Álvares Cação, o qual *era fama ser seu irmão*; seguiu-se o filho

<sup>1</sup> *Capela dos Arcos* é como se exprime a carta de confirmação, que se encontra no liv. 1 de Alêm Douro, fl. 47, com referência ao liv, iv, fl. 120 v, de D. Manuel, em data de 22 de Março de 1502. A supradita carta era requerida por Gonçalo Eannes e o traslado do testamento de D. João Domingues era feito por Pedro Annes, tabelião público do julgadô de Valdevez, na data de 12 Fevereiro de 1502. No lugar dos Arcos, feito vila, erigiu-se mais uma nova freguesia (*Arch. Port.*, x, 216).

deste Gaspar Cação; depois a neta Ana Cação e por fim o bisneto Francisco de Sousa, cuja provisão data de 4 de Outubro de 1619.

Mas em um grosso código, que pertence ao cartório da freguesia de Nossa Senhora do Vale<sup>1</sup>, encontram-se referências à *Capela da Praça* e dêlê transcrevo a seguinte série de administradores, realmente notável em uma instituição aparentemente modesta, como foi a desta capela de carácter eclesiástico sim, mas não monástico.

*Lista dos administradores da Capela:*

- 1410—D. João Dominguês, abade de Sabadim.
- 1480—João Álvares *Casson*.
- 1502—Gonçalo Anes *Casson*.
- 1523—Vicente Álvares *Casson*.
- 1524—Sebastião *Casson*.
- 1580—Gaspar *Casson*.
- 1617—Francisco de Sousa.
- 1620—Anna *Casson*.
- 1640—Isabel Ferias.
- 1650—António de Caldas.
- 1670—Francisco de Sousa Lobato.
- 1731—D. Leonor, mulher de Inácio Postrella (Perestelo?)
- 1780—Francisco Manuel Postrella (*sic*)<sup>2</sup>.

Das personagens até agora nomeadas, algumas teriam tido sepultura na capela de D. João Domingues?

Só a 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> campã pertencem a representantes do apelido Cação, que tomou a forma popular *Caçoa* ao referir-se a uma dona, mas não se pode asseverar, à face das minhas cópias, que êsses dois epitáfios pertençam a algum dos cinco membros dessa dinastia bi-secular de administradores até a sua última vergõntea, que foi Ana Cação. Por desventura, não pude ler a data em nenhuma das tampas sepulcrais<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Tenho-me referido a esta antiga paróquia do concelho dos Arcos de Valdevez no *Arch. Port.*, vii, 81; viii, 201; e x, 246.

<sup>2</sup> Acrescenta o seguinte esclarecimento: Ana Casson neta de Gaspar Casson e Francisco de Sousa seu bisneto. Donde concluo que houve inversão na lista com estes dois nomes, o que aliás se verifica nas fontes de que me servi.

<sup>3</sup> O apelido *Cação* pertence à aristocracia alto-minhota, segundo me informa o Sr. Cunha Brandão, ilustre linhagista do Alto-Minho e distinto sócio da Associação dos Archeólogos.

## 7

O que seria o lugar dos *Arquos de Vez*, mais tarde elevado à categoria de vila, infere-se da primeira verba do aludido Tombo, sob o título *Bens da Capella*: Umás casas novas e térreas, com suas *alpendradas* que o Visconde (de Vila Nova de Cerveira) *corregera* e onde ninguê m morava, a não ser quando se alugavam por ocasião da feira do *Ladario*<sup>1</sup>, com quatro portais, etc.; outra casa no cabo da rua, contra o *aguiam*, colmada, que é erma, etc.; outras duas *boticas* com suas portas, ambas com seus alpendres telhados... ermas, excepto na ocasião da referida feira; atrás delas um pardieiro; outra *botica* à porta da capela com seu portal... telhada; em redor da capela, seis *boticas*; uma cabaninha nas costas da capela...; outra casa colmaça, em que mora o dito João Álvares (o referido testamenteiro de D. João Domingues e administrador da capela) com nove varas por cinco e meia, pela qual pagava 70 réis, quando estava aforada; contra o *aguiam* entestava com a casa de Jerónimo Fernandes dos *Arquos* e contra o *vendaal* com uma corte de porcos, a qual era da capela e pelo nascente partia de longe com a rua que ia para a feira, etc.

O que acima fica extratado indica suficientemente que, ainda no fim do séc. xv, a futura vila manuelina não passava de um agrupamento miserável de casas e *boticas* alpendradas em redor da ermida de D. João Domingues, ermas na roda do ano, excepto por ocasião da célebre feira do *Ladario*<sup>2</sup>, em uma das quais, tam modesta que era *colmaça*, residia o primeiro administrador João Álvares Cação.

Estes antigos volumes com tombamentos de propriedades são muitas vezes manancial abundante de factos e cousas do passado, manancial que os historiadores e cronistas desprezaram e omitiram por se lhes afigurar insignificante.

## II.—Capela de S. Simão, em Campos de Lima

No concelho dos Arcos de Valdevez, freguesia de Paçô, junto do rio Lima e dentro da quinta de Campos de Lima, existem as ruínas

<sup>1</sup> Ainda hoje subsiste na vila o sítio do *Trasladario*. E *Lidário* é lá usado apertativamente como sinónimo de altercação ruidosa, clamor continuado em altas vozes, râlho estrepitoso, descompostura ferina (vid. Viterbo, *Elucidario*, etc., s. v. *Ladario*).

<sup>2</sup> Na Tôrre do Tombo há notícias desta festa medieval e de privilégios concedidos aos homisiados e outros que a ela concorressem.

de uma antiga ermida, cujo orago foi S. Simão. Os estuques tem bastantes vestígios de pintura. Na parede da esquerda há figuras de santos; inferiormente corria a data em alemão minúsculo; dela só se vê isto: Fig. 3.

*trita c mus*

Fig. 3

Mas julgo possível, teóricamente, restabelecer o ano de (14)32. Na parede do fundo há restos de um calvário a fresco, onde se distingue Jesus crucificado.

Ao lado da cruz papal, um pontífice com tiara e um livro aberto,



Fig. 4

que a mão direita sustenta. Outro santo segura um livro fechado e está descalço; parecendo ler-se: *Sam Simom*. Fig. 4.

Na mesma parede, vê-se uma Senhora da Piedade, com o corpo

de Jesus sôbre os joelhos e uma faixa em redor do nimbo, onde se lê em caracteres pintados a preto de alemão minúsculo:

*[vi]dete si est dol[or]*, etc.

Não tenho nota do ano em que visitei casualmente esta curiosa ruína, mas presumo que foi em 1909; ignoro também o estado em que possam ainda estar êsses interessantísimos frescos, bem dignos de melhor sorte.

A fachada da capela é coroada por um campanário com uma só sineira e empena aguda.

Novembro de 1916.

F. ALVES PEREIRA.

## Conimbriga

### A camada pre-romana da cidade

(Notas de uma exploração de dez dias em Condexa-a-Velha)

Conimbriga, o *opidum* mais importante do distrito de Coimbra, bem conhecido pelos seus mosaicos, mármore, barros e metais, recolhidos em diversas explorações e guardados no Museu do Instituto,